ANO 11.º — Sexta-feira, 14 de Fevereiro de 1919 — Numero 560

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54.

LIBERTEMOS O PORTO!

Está ainda sob o jugo aviltante da traição monarquica a laboriosa cidade, capital do norte, que em todas as épocas ha evidenciado o seu liberalismo, colocando-se na vanguarda dos mais generosos movimentos que teem precedido a emancipação do povo português. Como afronta, é das maiores que a historia regista; como vexame, dos que não esquecem, nem se apagam, nem se perdoam.

Mas... libertemos o Porto! Conjuguêmos os nossos esforços, todos, por arrancar á reacção monarquico-clerical a presa, que só por um requinte de deslealdade, de manifesta traição, lhe poderá ter caido nas garras.

Vâmos! Em nome da Liberdade ofendida, recalcada, vilipendiada—libertemos o Porto!

Na cidade do 31 de Janeiro uma só bandeira deve tremular—a bandeira verde-rubra da Republica!

Soldados, marinheiros, heroicos legionarios da Democracia—ávante!

O Porto aguarda-vos anciosamente. Libertemo-lo!...

Seguindo

Aí vão, estrada fóra, levados á ponta de baioneta, os soldados da monarquia, os batalhões assalariados por o ridiculo *regente*, aos quais, nas horas amargas da derrota, aparece insuflando animo, mas que diante da força impetuosa e invencivel do exercito conscienciosamente republicano, com eles se mistura na fuga desordenada, grotesca, vergonhosa!

Ele aqui veio ás portas de Aveiro, *animar as tropas* para a investida, mas *não se aguentou*, na frase já consagrada e... voltou para traz. Ele aí vai a Lamego, ardendo no fogo sagrado da santa e boa causa, mas a chava de metralha arrefece-o a tal ponto que se vê forçado a bater em retirada, de mistura com o resto das suas forças disseminadas pela derrota e abatidas pelo desanimo que decididamente avassala já todos os comparsas da grande farça!

Eles aí vão, estrada fóra, deixando já para traz Ovar e Oliveira de Azemeis, e, á hora que escrevemos, quem sabe se Espinho, procurando o ultimo refugio—o Porto—se o cansaço resultante da fuga precipitada e constante os deixar lá chegar!

Na sua perseguição persistente e incançavel, os soldados da Republica avançam, levados por o ideal que os anima, firmes, decididos na perseguição, até que, defrontados com o covil da féra, hão de lançar-se no ataque final com a decisão e bravura de quem tem a compreensão nitida do dever.

Tomado esse reducto, vencida essa *étape*, a ridicula côrte, o comico governo do *reino*, os ministros e o carnavalesco *regente*, tudo cairá, tudo desaparecerá como por encanto diante do 5 de Outubro de 1910.

Façâmos depois as contas, com justiça, mas sem piedade.

Iremos procurar os autenticos culpados e todos eles, conforme os crimes, pagarão as suas responsabilidades perante a consciencia nacional.

Com a liberdade e com a fazenda pagarão a sua traição. Principiaremos pela casa de Bragança para a indemnisação a que o paiz tem sagrado direito. Não bastam as contribuições de guerra lançadas sobre as povoações que os miseraveis conseguiram subjugar.

Essa medida fére, por certo, centenares de republicanos impossibilitados abertamente de reagirem.

Vâmos ao que pessoalmente pertence aos verdadeiros culpados. A's suas fortunas, aos seus haveres, para que assim indemnisem o tesouro publico, exausto já com tanto dispendio que as vicissitudes patrias tem exigido.

E' preciso, é indispensavel um energico e formidavel exemplo para que duma vez para sempre seja posto côbro a tentativas monarquicas a que os nossos erros e a nossa tolerancia criminosa tem dado alento.

Permitir a continuação dum tal estado de coisas, é ser bem mais culpado que todos quantos teem trazido a desordem, as horas de verdadeira amargura, como aquelas que presentemente decorrem.

Mas, antes de tudo, o indispensavel é o estrangulamento da féra que, no covil onde tantos e tantos dos nossos irmãos sofrem torturas, continua mantendo a *Real Guarda dos Trauliteiros*, moderna organisação inquisitorial e um dos seus mais decididos apoios.

Para isso, vão seguindo, a caminho, os nossos bravos soldados.

Façâmos votos pela rapidez do seu triunfo, que é a vitória da Republica e a libertação dos seus filhos, que enchem as cadeias do Porto e humedecem as prisões com o sangue das suas feridas.

NO PORTO

Os monarquicos capitulam

Ontem de tarde foi recebida de Lisboa comunicação de que a contra revolução republicana triunfára no Porto. A noticia espalhou-se entre festivas demonstrações de intenso jubilo publico, repicando os sinos da Câmara e percorrendo as ruas uma banda de musica entre estrepitosos vivas á Republica, Patria, Porto, Exercito, Marinha e Povo Portuguez.

Restabelecidas já as comunicações para o norte, receberam-se esta madrugada telegramas oficiaes do Porto, confirmando não só o triunfo republicano como a prisão de Paiva Couceiro, ordenando tambem o avanço para aquela cidade de todas as forças em operações.

E' quanto de momento podemos jubilosamente transmitir aos nossos leitores.

Viva a Republica!
Viva a Patria!

Governador Civil

Conforme refere a imprensa de Lisboa, continuará á frente deste distrito o snr. dr. José Pinheiro, atual governador civil.

Um manifesto

Lançado pelo *Gremio Lusitano*, temos presente um extenso documento no qual se protesta contra os inauditos atentados de vandalismo, destruição, roubo e ataque pessoal de que a Maçonaria Portuguêsa foi vitima nos ultimos tempos e se desmente com altivez o facto de ser atribuido a um membro dessa prestigiosa e humanitaria instituição o assassinato do presidente Sidonio Paes.

José Julio da Costa, o indigitado autor do crime, não é, nem jámais foi membro da Maçonaria, tendo o, aliás, sido Sidonio Paes, com o nome simbolico de *Carlyle* —diz o manifesto.

Ao dr. Magalhães Lima que, como grão mestre, sofreu as agruras do carcere, ele que tem sido o apostolo fervoroso de todas as ideias libertadoras, o joalheiro insigne das mais lindas apostrofes de emancipação e resgate, facetadas, como rarissimas, por todos os esmaltes da beleza moral, é prestada condigna homenagem de respeito e veneração, prometendo os seus companheiros proseguir, como sempre, sem treguas e sem descanço, na sua marcha celere pela estrada capitolina do Futuro, impenitentes e sempre ousados, em demanda do Progresso, eterno, fecundante e vitorioso!

TABELA DE PREÇOS

Foi afixada uma nova tabela de preços que entrou desde ontem em vigor.

A absoluta falta de espaço obriga-nos a limitar a estas palavras quanto sobre o caso temos que dizer, aplaudindo, porém, desde já, essa medida como todas as outras que venham pôr côbro ao assalto deshumano e infrutivel que está fazendo ao bolso do consumidor a cáfila ignobil de exploradores, que se não cança nas continuas extorsões a que nos submete a todos nós.

Comissão Municipal

Dissolvida por alvará de s. ex.ª o sr. governador civil, foram indicados para a nova comissão municipal quasi todos os seus membros, excepção feita dos srs. Ricardo Pereira Campos, Ildefonso Dias Pereira e Manuel Coutinho, que foram substituidos pelos snrs. Henrique Rato, Antonio Teixeira e Antonio da Rocha.

Dr. Couceiro da Costa

O ilustre titular da pasta da Justiça alvo duma imponente recepção á sua chegada a Aveiro

Como prenoticiámos, chegou, de facto, a Aveiro na passada sexta-feira, cêrca das 15 horas, o ilustre ministro da Justiça e muito querido filho desta terra, dr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, sendo recebido entre as mais efusivas e quentes demonstrações de carinhoso afecto jámais presenciadas. A *gare* estava apinhada, vendo-se entre a multidão todas as autoridades, magistrados judiciaes e mais pessoal, elemento militar, professorado do liceu, Escola Normal, escolas primarias, chefes e funcionarios das repartições publicas, gente de todas as classes sociaes, assim como a banda do Asilo e, indistintamente, numeroso publico.

Mal apareceu o dr. Couceiro da Costa, irromperam formidaveis vivas a s. ex.ª e á Republica, estrugindo palmas entusiasticas e prolongadas, até que um grupo, erguendo aos hombros o recem-chegado, o trouxe para fóra, para o largo fronteiro á estação, onde nova e grandiosa manifestação se repetiu, seguindo o ministro a pé até á cidade, entre constantes e calorosas demonstrações de apreço.

Em frente do quartel de cavalaria 8 aqueceu a manifestação, ouvindo-se sucessivos vivas ao exercito, á marinha, aos bravos soldados republicanos, á Patria, etc. Pelas ruas do transito, as janelas, povoadas de senhoras, que agitavam lenços, repicando festivamente os sinos da Câmara até o cortejo chegar ao governo civil de cuja varanda falaram á multidão o chefe do distrito e os srs. dr. André dos Reis, Raul Tamaguini Barbosa e por ultimo o dr. Couceiro da Costa sobre quem cáe uma tempestade de aplausos que ameaçam não ter fim. Feito, porém, um pouco de silencio, diz s. ex.ª que não merece elogios quem apenas cumpre o seu dever. Via a Republica em perigo e tinha a alma despedaçada de dôr ao vê-la perder, entregue de mão beijada aos traidores monarquicos. Necessario era salva-la. Foi quanto fez á custa da liberdade e até da propria vida, se necessario fosse. Após oito dias de incomunicabilidade no quartel dos Paulistas, tivera a alegria indescritivel de vêr que o povo republicano de Lisboa se unia num movimento de confraternisação para salvar a Republica. Foi a alma republicana que assaltou Monsanto e libertou a Patria da traição dos couceiristas. Foi esta a sua primeira alegria. A segunda, foi vêr que a sua terra heroica—Aveiro—a que já justamente chamam a *Belgica portuguesa*, secundava o gesto altivo de Lisboa, opondo invencivel barreira ás hordas invasoras. Orgulha-se agora, como nunca, de ser filho desta terra, que continua a mostrar-se digna do berço de José Estevam. Meus senhores, acrescentou: trago-vos palavras do maior reconhecimento do presidente da Republica. Ele virá pessoalmente testemunhar-vos a sua gratidão, mas quiz dar-me a subida honra de ser eu portador-vos, dizendo ao povo de Aveiro que bem merece da Patria, por ter salvo a Republica. E hoje, que a revolta monarquica está prestes a ser esmagada, saúdemos carinhosamente a bandeira verde-rubra, pela qual nos batemos em França, Monsanto e Vouga, simbolo da Patria heroicamente defendida pelas forças de terra e mar.

Neste momento, voava no céu limpido um hidro-avião.

Novas aclamações se repetem ao ministro, que se retira para dentro da sala onde o tenente snr. dr. Barata da Rocha proferiu, em nome dos seus camaradas, um vibrante discurso, garantindo que todos eles, depois de se terem batido pela Patria, em terras de França, se batem agora ainda com mais entusiasmo, porque o fazem outra vez pela mesma Patria e tambem pela Republica e a nenhum desfalecerá a alma republicana, que não morre. Sauda no ministro alguem que teve a hombridade de conspirar e lutar pela bandeira verde-rubra.

O sr. dr. Couceiro da Costa agradece, comovido, abraçando o tenente Barata e o alferes Roby, que, procedendo como procedeu, cumpriu o seu dever. Rejubila por vêr em sua volta tantas Cruzes de Guerra. Abraçando o alferes Roby, representante de uma familia de bravos e de martires, abraça todo o exercito republicano, cujo esforço até á ultima gota do seu sangue fará integrar a Patria no caminho da salvação, começando a obra apenas iniciada em 5 de Outubro. Terminou enaltecendo o prestigio de justiça. Agiremos sempre dentro da lei, para que nenhum salpico de lama macule a purêsa da nossa bandeira, verdadeira condição da Republica, generosidade e amor. Não é com violencias que se conquista a alma do povo; assim, faremos, pois, pelo amor dos portuguezes e pelo respeito dos estrangeiros, o prestigio nacional e o da salvação do nosso dominio colonial.

Falou ainda o sr. Melo Freitas, velho amigo do sr. dr. Couceiro da Costa, cujas virtudes enalteceu vibrantemente, sendo por ele abraçado com um viva aos velhos republicanos de uma só fé.

Terminada a manifestação, o snr. ministro da Justiça dirigiu-se para a sua residencia, onde recebeu e distribuiu os carinhos e afectos de que há tanto se encontrava afastado por amor da Patria.

A' noite, cêrca das 20 horas, realisou-se uma nova manifestação, indo á frente a banda dos Bombeiros Voluntarios. Dirigindo-se ao quartel de infanteria 24, alguns oficiaes apareceram ás janelas do edificio erguendo vivas, a que a multidão correspondia com vibrante entusiasmo.

Na volta, os numerosos manifestantes dirigiram-se então á residencia do sr. dr. Couceiro da Costa, de uma janela proferiu um magnifico discurso cheio de fé e entusiasmo, agradecendo a manifestação em nome do governo a quem participaria o que se estava passando. Afirmou que era indispensavel á Democracia triunfante a generosidade mais pura para que se não manchasse a bandeira daquela Republica, que ele sonhou bela, digna, grande, alevantada. Afirma outra vez o seu orgulho por ser filho desta terra, que impediu a passagem dos bandos realistas. Enquanto houver gente assim—exclamou—a Republica não morrerá. Flutuar outra bandeira em Portugal que não seja aquela que anda desfraldada ao vento, é impossivel, pois ela simboliza insofismavelmente a liberdade e a vitória do povo portuguez.

Vivas e palmas estridentes cobrem as ultimas palavras do orador, desandando a multidão para o quartel de cavalaria 8, onde se aclama o exercito e a marinha, vindo depois a dissolver-se a imponentissima manifestação no Largo da Republica entre ininterruptos

vivas á Patria unanimemente correspondidos.

* * *

O sr. ministro da Justiça durante a sua curta estada entre nós, visitou a séde do comando militar onde saudou nas pessoas do coronel Péres e capitão tenente Rocha e Cunha, o exercito e a marinha que se batem pela Republica, agradecendo-lhe o ultimo oficial com a afirmativa de que enquanto não estiver terminada a libertação da Patria, ninguem desfaleceria nessa missão, embora arriscada e espinhosa.

O sr. dr. Couceiro da Costa dirigiu-se em seguida á Angeja, a Albergaria-a-Velha e aos postos avançados, onde, *de visu*, constatou a boa disposição das nossas tropas, retirando perto da noite imensamente satisfeito com tudo quanto havia visto e observado.

No domingo teve s. ex.ª ensejo de assistir á formatura, no largo do Rocio, do batalhão de marinha que aqui chegára na vespera e a quem o sr. ministro da Justiça, depois de cumprimentar o respectivo comandante, capitão Cerqueira, saudou, de cabeça descoberta, em nome do Presidente da Republica e do governo, declarando-se imensamente satisfeito com o entusiasmo das tropas que partem a cumprir o seu dever.

Ouvem-se estridentes aplausos de mistura com entusiasticos vivas á Patria e á Republica, desfilando, por fim, o batalhão pela frente do ministro, que, de automovel, e em companhia do subdito inglez R. Franklin Tate, correspondente do grande jornal londrino, *The Times*, o acompanha até á porta do quartel.

O sr. dr. Couceiro da Costa retirou já para a capital, visto os acontecimentos não lhe permitirem demorar-se mais tempo entre os seus conterraneos, que muito o presam.

Ministro da Guerra

No domingo, a horas adiantadas da noite, apeou-se na *gare* de Aveiro e partiu pouco depois em direcção a Agueda, o tenente-coronel, snr. Freitas Soares, actual ministro da guerra, que se fazia acompanhar por um dos seus ajudantes e pelo general sr. Ilharco.

De madrugada havia desembarcado um grupo de 40 civis pertencentes á *Coluna Vermelha* e que, a esta hora, juntamente com as forças de artilharia, infanteria e marinha, deve operar ao lado dos soldados da Republica com o garbo proprio dos cidadãos da sua tempera.

ADESÃO

Um diario lisbonense, apreciando, num brilhante editorial, a atitude do sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes, aderindo á Republica, tem para o ilustre catedratico as seguintes passagens:

....

Olhemos todos para este Homem, com o coração redimido de pavores. Ele soube provar-nos, com seu gesto, que ha portuguezes, que ha homens de honra em Portugal.

Monarquico de sempre, o snr. dr. Francisco Fernandes abandona a monarquia nesta hora negra do assalto: abraça-se impávidamente á sorte da Republica no momento indeciso do perigo.

Que extranha filiação a sua! Quando alguns se escondem, ele aparece; quando alguns fogem, ele vem. Não o assustam contingencias, nem lhe importa saber qual venha a ser vencedor. Perguntou á sua consciencia de que lado estava a Razão, onde se encontrava a Justiça; e em face da resposta, nitida, insofismavel, escolheu o seu lugar na peleja.

E' o lugar da Republica.

Curvem-se todos. Um grande homem de bem acaba de nos dar uma enorme lição de honestidade. Em meia duzia de palavras ardentes o sr. dr. Francisco Fernandes, lente da Universidade de Coimbra, acaba de proferir a sua melhor lição de Direito.

E' certo.

AS OPERAÇÕES

Na terça-feira iniciou se a acção de avanço das nossas forças, que nesse mesmo dia ocuparam Salreu e Albergaria-a-Nova, sendo Estarreja a seguir assaltada e nas primeiras horas defendida com notavel decisão.

A determinada hora, porêm, principiou a retirada de forças inimigas em comboio, sendo um bombardeado e impossibilitado de seguir. A's 6,30 era Estarreja ocupada pelas forças da Republica, sendo feitos 125 prisioneiros entre eles oficiaes e medicos. No dia imediato recomeçava o avanço, sendo á noite ocupada Ovar, assim como Oliveira de Azemeis, que o inimigo evacuou á aproximação das forças republicanas.

A linha ferrea funciona até Salreu e muito brevemente deverá ficar restabelecida até Ovar.

Aproxima-se o fim!

Excessos

Quando na passada sexta-feira, faz hoje uma semana, atravessava a Praça do Comercio, em Lisboa, debaixo de prisão, foi prostrado com um tiro de revolver que contra ele disparou certo individuo, o ex-capitão do exercito Jorge Camacho, cuja participação nas incursões couceiristas de 1911 é por demais conhecida pelos relatos vindos a publico nos jornaes que dos acontecimentos dessa época fizeram minucioso relato.

O acto longe de nos merecer aplauso provoca a nossa indignação, assim como já sucedeu com as selvagerias de que foram alvo o visconde da Ribeira Brava, morto vilmente por uma horda de sicarios, e os seus companheiros, pois representa sempre a mais requintada malvadez agredir quem se não possa defender.

O capitão Camacho era monarquico e estava identificado com os que, mercê da sua traição, introduziram a guerra civil no paiz? Exigissem-se-lhe as devidas responsabilidades legaes, sem sombra de comiseração, como crêmos que o governo tencionava fazer, que isso seria o bastante para dar uma satisfação cabal á consciencia republicana. Mas matar assim um homem como se mata um cão, com a agravante de estar já entregue á força publica, é indigno, e não seremos nós que deixaremos de verberar o procedimento desse outro exaltado, tornando-o bem publico para que não nos julguem lá fóra um povo de canibaes.

JUNTA GERAL

O sr. governador civil fez substituir a comissão da presidencia do sr. padre Antonio Duarte Silva por outra assim composta: dr. André dos Reis, dr. José Gomes da Costa, dr. José Nogueira Lemos, dr. José Pereira Tavares e dr. Tavares Afonso e Cunha, pertencentes respectivamente aos concelhos de Aveiro, Agueda, Albergaria, Oliveira de Azemeis e Estarreja.

Poderá ter sido muito acertada a resolução, mas desconfiamos que a não ser o representante de Aveiro, mais nenhum se dará ao incomodo...

E a respeito de sessões...

PELA IMPRENSA

"Jornal da Tarde"

Completou o seu primeiro ano de existencia o bem redigido diario, que, sob o titulo da epigrafe, vê a luz da publicidade em Lisboa.

Dirige-o o talentoso jornalista João Calado Rodrigues e a sua colaboração escolhida faz honra á imprensa, de que é digno ornamento.

Afectuosos cumprimentos.

Coisas da alta...

Alguns jornaes de Madrid fizeram se éco deste caso que lhes fôra transmitido da capital francêsa:

O infante D. Afonso de Orleans apresentou queixa por abuso de confiança contra a marquesa de X, a quem tinha emprestado, para que o levasse a uma festa, um colar composto de 148 perolas que está avaliado em alguns milhões de francos.

O colar tem tambem um grande valor historico por ter pertencido ao imperador Carlos V, que o ofereceu a uma princeza.

A marqueza, que se negou a entregar o colar, está atualmente em Espanha para submeter, segundo se diz, o caso ao rei D. Afonso XIII.

O colar, origem da questão, foi depositado num cofre blindado, fechado e selado de um estabelecimento bancario.

Ora aqui está um entalanço que por muitos anos que o principe viva lhe hade lembrar sempre.

EM RODA DOS ACONTECIMENTOS

Uma entrevista com o governador civil de Aveiro

Transcrevemos das edições do *Jornal da Tarde*, de 4 e 5 do corrente:

Souberamos da estada em Lisboa do sr. dr. Costa Pinheiro, inteligente e distinto governador civil do distrito de Aveiro, e antes da sua partida para ali tivemos a fortuna de nos avistar com s. ex.ª entrando para o Hotel Francfort, aproveitando então o ensejo para lhe apresentar os nossos cumprimentos e ouvir a sua opinião sobre os acontecimentos. O sr. dr. Costa Pinheiro, que é um verdadeiro *gentlemen*, convida-nos a tomar uma das confortaveis *maples* do hotel, e durante momentos, deu-nos o prazer do cavaco ameno, em que a sua conversação scintila, até que, achando a ocasião precisa, expuzemos ao sr. dr. Costa Pinheiro o désejo de o ouvir *para os nossos leitores*, ao que ele se pretende esquivar, pois que, adiante, é muito avesso a entrevistas e, demais nós, os *reporters*, costumamos ás vezes burilar um poucochinho demasiado, aquilo que se nos diz.

Feitos os nossos protestos á sua asserção graciosa, é permitido, *mea maxima culpa*, a rigorosa stenografia das suas palavras, o sr. dr. Costa Pinheiro acede, e nós, entrando á deixa, perguntámos logo á guisa de entrada:

— Então, doutor, em Aveiro conspirava-se...

Em Aveiro conspira-se. Mas quem o acreditaria?

— E' verdade. Em Aveiro conspirava-se a descoberto, e creio poder asseverar-lhe, que á minha excepção, as autoridades eram manifestamente monarquicas, irredutiveis com as instituições.

— ?!

— Eu tinha posto ao facto disto o sr. Tamagnini Barbosa. Republicano eu—e o sr. dr. Costa Pinheiro mostra-nos que de facto é um verdadeiro e convicto republicano—sentia-me deslocado, mal, no meio dos inimigos do regimen. Mas, diz-nos, nesse tempo ninguem acreditava que os monarquicos conspirassem—eram só os democraticos.

— Mas, quando o doutor foi nomeado...

— Eu, atalha, fui nomeado numa ocasião de conjuturas dificeis, e não teria aceitado o cargo, se me não tivesse sido feito pelo meu particular amigo dr. Egas Moniz, a quem dedico todo o apreço, e mesmo, porque entendi, que se eu era preciso não tinha o direito de escusar-me, e, só por isso. A politica para mim poucos atrativos tinha.

— Preferia talvez continuar a escrever os seus livros?

— Com franqueza.

As juntas. Historia duma proclamação

— E, a questão das juntas, lá por Aveiro?

— Foi para mim um mau bocado.

— Calculo.

— Se lhe parece... Só, inteiramente, ao lado do governo. Mas nem por isso lhe acatei as imposições, ás tais juntas. Deu-se até o caso, conta-nos, dum dos membros da junta lá do distrito, o major Wanzeller, que se encontrava hospedado no mesmo hotel que eu, o *Aveirense*, ter colocado na sala de jantar uma das tais proclamações q e distribuiam e em que eram feitas referencias bem desagradaveis para o governo.

— E o doutor?

— Eu estava ali como delegado do governo, o meu dever era, pois, defende-lo. Fui á proclamação e arranquei-a. Porêm, e só por lealdade, fui dizer, particularmente, ao major Wanzeller, que tinha retirado a proclamação, porque era atentatoria ao Estado e eu era ali o seu legitimo representante.

— ...

O major Wanzeller fez-se rubro, barafustou, ameaçou-me até de se queixar ao Comando Militar.

— E acusou?

— Acusou. Eu tive que ir ali momentos depois, em serviço, e encontrei o comando reunido, e uma proclamação igual sobre a mesa. O comandante verberou o meu acto, que eu colocava mal o major, e por consequencia, para evitar maior incidente, o melhor seria que eu levasse aquela proclamação e a mandasse colocar no hotel, novamente, por qualquer criado. Eu, que não tinha necessidade nenhuma de arvorar-me em vitima e sofrer violencias que nada aproveitariam, disse-lhe que sim, resolvendo usar da mesma lealdade das juntas (sic): tomei a proclamação e levei-a.

— E colocou-a?

— Isso sim. Levei-a mas foi para casa e ainda hoje a conservo. Vim então a Lisboa, expôr ao governo o que se passara e pedir a minha demissão. Não por cobardia. Se o governo me désse o apoio indispensavel, eu ficava.

— O governo...

— O governo? Não me aceitou a demissão e deu-me plenos poderes, que, aliás, já me não foram precisos, pois quando regressei a Aveiro já as juntas tinham sido dissolvidas.

O dr. não gosta de entrevistas. O *reporter* porêm insiste

O dr. Costa Pinheiro acha azado o momento para de novo insistir que é pouco atreito a entrevistas, e nós achamos que o melhor era proseguir.

— E o tal major *Wanzeller* continua no comando?

— Não. Por motivo da intentona do Porto, está detido na cidade, mas com menagem.

— Em Aveiro sabia-se o que se passava no norte?

— Não. Isto apanhou-nos de surpreza, a mim, e certamente, a todos, tanto mais que parecia ter-se chegado a um acordo, tendo transigido de parte a parte governo e junta. Poderia esperar-se; por agora é que não.

A nova odisseia. Doze horas de Coimbra a Aveiro

Eu estava até em Coimbra a tratar de assuntos do distrito, quando ali recebi um telegrama do meu secretario geral, comunicando-me a restauração da monarquia no Porto. Tratei logo de me conduzir a Aveiro, aonde a minha presença neste momento se tornava indispensavel.

— E de regresso a Aveiro.

— Que não foi tão depressa como julgava. Vi-me, de momento, sem meio de transporte algum, e por ali tive que estar, preocupado, ao sabor do acaso que só esse me proporcionaria o meio de eu seguir.

— Que afinal, conseguiu?

— Sim. Mas só passados dois dias, e tive que aproveitar, por muito favor, lugar num automovel conduzindo oficiais e que para ali se dirigia ao comando militar. E que viagem! Aquele trajecto que se faz em pouco mais de duas horas, levou doze, numa noite de temporal aberto, de chuva e lama. Mas deixe que lhe diga: apesar desse contratempo, eu nem só um dia em Coimbra deixei de estar no comando ou no governo civil a inquirir do que se passava e do que ia, mesmo dali, pondo o governo ao facto.

— E quando regressou a Aveiro?

— Corriam ali os mais extraordinarios boatos, contando se que estava proclamada a monarquia em diversas localidades; na Mealhada até. A população, porêm, estava muito entusiasmada, mas calma, é claro, dentro dos preparativos militares de defêsa que se faziam.

E' destituido o comando. Gente fiel.

— Mas, então, essa oficialidade era monarquica...

— Eu lhe digo. O comando é que era monarquico, e tanto assim que quando passou para o Porto o comboio com as tropas de Silva Ramos, os oficiaes republicanos quizeram impedir que ele seguisse, ao que o comando se opoz. Em face disto aqueles oficiaes convocaram-se em uma reunião secreta, e ali resolveram destituir o comando militar, substituindo-o pelo sr. coronel Péres, que aceitou, tendo tomado para seu ajudante o capitão de fragata snr. Rocha e Cunha. Logo que isto constou acorreram muitos civis e oficiaes a oferecer os seus serviços para defêsa da Republica.

— E a cidade?

— Foram tomadas desde logo as providencias necessarias para que a população não sofresse os insurretos, organisando-se as defêsas fóra da cidade, que o exercito, auxiliado por grupos de civis, ocupou.

— E entusiasmo, havia?

— Sim. Eu fui ao *front* e percorri todas as posições de defêsa, verificando que tanto militares como civis, a quem distribui tabaco e bebidas, estavam animados das melhores intenções e disposição de espirito, aclamando entusiasticamente a Republica.

A cidade acorda ao troar do canhão. Certeza da vitória

— Na terça-feira, acordamos com o troar do canhão que se ouvia distintamente na cidade; travava-se um renhido combate em Agueda, de que já deve ter conhecimento. As nossas tropas tinham sido atacadas pelos revoltosos que foram rechaçados com grande numero de mortos e feridos, sendo perseguidos pelos nossos soldados, num *élan* admiravel, que a certeza da vitória mais animava ainda, se é possivel.

— Esta pergunta é um bocado ousada, mas diga-nos, dr.: tem a certeza que os insurretos serão vencidos?

— Não é que tenha certeza. Estou completamente convicto disso. Os monarquicos serão vencidos e agora duma vez para sempre.

— Ter fé já é meia vitória, dissémos. Constou-nos que no Porto se tem cometido atrocidades, é verdade?

— Sim, isso corre. Mas todas essas noticias carecem de informação. Diz-se até que confiscaram os valores da casa bancaria Borges & Irmão, e que teem sido fuzilados varios individuos. Boatos, é só...

O caso João de Almeida, é uma embrulhada. Acaba a entrevista

— E qual a sua opinião sobre a atitude de João de Almeida? Diz-se para aí tanta coisa...

— Olhe, se v. me permite passaremos adiante. Isso é um bocado melindroso. Eu tenho, todavia, no meu conceito João de Almeida por uma creatura de caracter, escravo da sua palavra. Tive, por ocasião das juntas, oportunidade de falar com ele, e sempre me assegurou a sua repugnancia por um movimento monarquico nesta ocasião. Mas...

— Mas?...

— Olhe—e o dr. Costa Pinheiro levanta-se como que a dar por finda a entrevista—o que eu lhe digo é que se João de Almeida não foi para o Porto, é porque não quiz, e por isso mesmo é que se deixou ficar tranquilamente na sua casa. Demais, ele deve ser conduzido a Lisboa.

— Ainda uma pergunta: o dr. veio pedir agora a sua demissão?

— Vim. Neste momento era esse o meu dever.

— O governo não lh'a aceitou, já sabemos.

— Não. Demonstra que assim eu lhe mereço confiança, e por isso, continuo no meu posto.

E, não querendo tomar mais tempo ao nosso amavel entrevistado, despedimo-nos, agradecendo-lhe a sua gentileza.

E, já no ascensor, diz-nos ainda o dr. Costa Pinheiro:

— Agora veja lá o que faz; eu sou muito avesso a entrevistas...

Agradecimento

O medico Francisco Soares vem por este meio, enquanto o não faz pessoalmente, agradecer e testemunhar toda a sua indelevel gratidão para com as pessoas que por si se interessaram durante o tempo do seu cativeiro na Alemanha, bem como a todos que o cumprimentaram e lhe deram as bôas vindas a quando do seu regresso á Patria.

Aveiro, Estrada da Barra, 5.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 3

(Retardada)

O povo desta freguesia tem andado com muito medo por causa da guerra. Passagem de tropas de infanteria, cavalaria, artilharia e marinha, tudo isto amedrontou este povo pacato, que nunca assistiu a semelhante coisa! Muita gente quiz fugir daqui, mas não sabia para onde. Agora, que o canhão trôa mais ao longe, já o socêgo está mais restabelecido.

Do que se passou com a entrada das tropas monarquicas em Alborgaria e Agueda, e do combate nesta ultima vila, os jornaes bem informados dirão.

Aqui pernoitaram na casa da escola, infanteria 16 e a guarda republicana de Santarem. Muitas pessoas desta freguesia levaram mantimentos em abundancia para toda essa gente, que lhes ficou muito agradecida. Hoje ouvem-se tiros de peça ao longe, sinal de que os *paivantes* ainda mexem.

C.